

Eliana Ismael  
Kátia Cunha



mulheres  
**ARTESÃS**

Do Alto do Moura:  
Suas histórias,  
memórias  
e identidades



Copyright © 2018 -

**Projeto Gráfico da Capa:**

Jorge Vicente da Paz Filho.

**Projeto Gráfico:**

Diogo C. Cavalcanti.

**Fotos e Edição de Vídeo:**

Diogo C. Cavalcanti.

**Captação dos Vídeos:**

Mônica Éster da Silva.

**Autoras:**

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Eliana Ismael e Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Kátia Cunha.

**Organizadora:**

Prof<sup>ª</sup> Ms. Luciana L. Freire.

**Colaboradora:**

Rita de Cássia de Almeida.

**Apoio:**

Usina Design - Laboratório de Design Gráfico  
UFPE/CAA

Ficha catalográfica do e-book

Bibliotecário – Raul César de Melo – CRB/4-1735

183m Ismael, Eliana  
Mulheres artesãs do Alto do Moura : suas histórias, memórias e identidades.  
[recurso eletrônico] / Eliana Ismael, Kátia Cunha ; Luciana Freire, org. –  
Dados eletrônicos. – João Pessoa : Marca de Fantasia, 2018.  
80p.  
  
Modo de acesso: World Wide Web.  
<<http://marcadefantasia.com/livros/socialidades/mulheresartesas/mulheresartesas.pdf>>  
  
Inclui bibliografia.  
ISBN 978-85-67732-94-7  
  
1. Mulheres – identidade. 2. Artesanato - Argila - Alto do Moura (Caruaru, PE). I. Cunha, Kátia. II. Freire, Luciana (organizadora). III. Título.  
  
CDD 155.633 (23.ed.) UFPE (CAA 2018-238)

Direitos reservados às autoras.

Publicação sem fins lucrativos.



**Eliana Ismael, Kátia Cunha**

# **Mulheres Artesãs do Alto do Moura: Suas histórias, memórias e identidades**



**Marca de Fantasia**  
Paraíba - 2018

**Este livro é um produto da pesquisa intitulada “MULHERES  
ARTESÃS DO ALTO DO MOURA: SUAS HISTÓRIAS,  
MEMÓRIAS E IDENTIDADES”, realizada entre 2016-2018  
e financiada pela FACEPE - FUND. AMPARO CIÊNCIA E  
TECNOLOGIA DO ESTADO DE PERNAMBUCO**



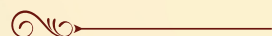
**Agradecemos à FACEPE - Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco, à Universidade Federal de Pernambuco, ao Centro Acadêmico do Agreste, ao laboratório Usina Design, às artesãs do Alto do Moura e à Associação de Artesãos do Alto do Moura.**

# SUMÁRIO

## APRESENTAÇÃO



## CAPÍTULO I - O BARRO E SUAS HISTÓRIAS



O Barro: onde tudo começa	14
Chegando ao Alto do Moura	18
O Barro : Do utilitário à arte	21

## CAPÍTULO II - AS VOZES DA MEMÓRIA



Nerice Otília - Mulher Valorização	24
Cleonice Otília - Mulher Certeza	26
Edileuza - Mulher Saudade	28
Marli - Mulher Cor do Barro	29
Terezinha - Mulher Amor à Arte	30
Marliete - Mulher Detalhes da Obra	32
Socorro - Mulher Arte em Família	34
Griceu - Mulher Arte Negra	36
Betânia - Mulher Arte Terapia	38
Genilda - Mulher Barro Bem Tratado	40
Ivonete - Mulher Felicidade	42
Janaína - Mulher Cria com Carinho	44
Jandira - Mulher Nossa História	46

## **CAPÍTULO III - ARTES E SUAS EXPRESSÕES**

<b>Ateliê Gricel Artesanato</b>	<b>50</b>
<b>Ateliê Terezinha Artesanato</b>	<b>51</b>
<b>Ateliê Nicinha Artesanato</b>	<b>52</b>
<b>Ateliê Marias do Barro</b>	<b>53</b>
<b>Carmelia Artesã</b>	<b>54</b>
<b>Marlí Artesã</b>	<b>55</b>
<b>Ateliê Marliete</b>	<b>56</b>
<b>Ateliê Arte em Barro</b>	<b>57</b>
<b>Jandira Artesã</b>	<b>58</b>
<b>Betânia Artesã</b>	<b>59</b>
<b>Maria Claudineide Artesã</b>	<b>60</b>
<b>Ateliê Dona Celestina</b>	<b>61</b>
<b>Ateliê Ivonete Artes</b>	<b>62</b>
<b>Ateliê Arte em Barro</b>	<b>63</b>

## **CAPÍTULO IV - AS MESTRES E SUAS IDENTIDADES**

<b>As mestras e suas identidades</b>	<b>66</b>
<b>A árvore genealógica</b>	<b>70</b>
<b>Galeria</b>	<b>74</b>
<b>Sobre as autoras</b>	<b>78</b>



# SANGUE DE BARRO

Autor: Banda Sangue de Barro

É barro sim, não é brincadeira  
É jeito, força e vida  
Raciocínio na moleira

Olhos vermelhos correm até o horizonte  
Há quanto tempo que não chove?  
(Eu sei lá... Já tem um monte!)  
A terra já tá molhada, sola do pé descascada  
E isso faz tua cabeça, mano véi, ficar virada


E essa dor é bem menor a que se sente  
Se a cabeça corre o chão feito rastejo de serpente  
Se tu te entrega é que teu sangue não é quente  
O jeito é viver lutando, senão morre essa gente

É barro sim, não é corvadia  
Tenha cabelo na venta  
E se garanta a cada dia

Sou um boneco pensando e cantando  
De Caruaru pro mundo em um mundo acreditando  
Sou tão forte quanto a arte do mestre Vitalino  
que lá no Alto do Moura ainda brincou como menino

Eu já peguei chuva de vento, foi numombo dum jumento  
Já peguei ensolação, nas caatingas do sertão  
Sou nordestino cabra macho, num abro nem pra boi de carro  
Porque em minhas veias corre o mais quente Sangue de Barro

É quente, corrente e vivente  
Explode e incendeia igual cuspida de vulcão  
Isso é Sangue de Barro Caruaruense  
Que corre nas veias e irriga nosso coração.



**Esta fonte é para uso de todos os sedentos. Toma a tua parte.  
Vem a estas páginas e não entres seu uso aos que têm sede.**

**“O Barro”. Cora Coralina, Melhores Poemas, 2008**

# APRESENTAÇÃO

Estamos vivendo uma época em que as nossas vidas parecem estar sendo mensuradas de acordo com as imagens e mensagens que circulam sobre nós em redes sociais... e já não se tem controle sobre tudo o que é veiculado por nós, ou não... se aquelas são as memórias que nós gostaríamos de deixar para quem amamos, ou não... Se todos os momentos foram vividos com intensidade, ou apenas clicados, digitados, gravados...

Mas, este livro nos leva de volta ao porquê de registrar as nossas memórias. Essas artesãs revelam em seus sentimentos, vivências e afetos... os nossos!

Para apresentar as Mulheres Artesãs do Alto do Moura é preciso começar por contar o orgulho que sentimos ao viver tal experiência. A obra explica o simbolismo que o barro tem na vida dessas mulheres, de forma individual e coletiva. O que cada uma delas viveu foi sendo contado pela expressão das palavras e pelos movimentos com que moldavam as suas obras... enquanto os capítulos deste livro eram escritos.

O grupo Flor do Barro nos ensina muito mais do que se pode aprender num livro, mas é maravilhoso ter em mãos esses depoimentos, acompanhados de fotos e vídeos, onde cada uma dessas artesãs partilha, conosco, sua trajetória, seus anseios e seus sonhos. Ao longo de quatro capítulos, compreendemos sobre as famílias que fizeram história no Alto do Moura, através da arte do barro; sobre os ancestrais considerados como as raízes dessas famílias; sobre as mulheres consideradas como árvores que mantêm a arte viva e sobre os seus frutos, que são as gerações que mantêm vivas as tradições.

De forma muito respeitosa e humana, esta experiência é contada “de pertinho” pelas professoras Eliana Ismael e Kátia Cunha. A leitura segue como uma conversa com as artesãs, onde as falas das autoras se integram às falas de cada uma delas - como se nós estivéssemos, novamente, num atelier, ao fim da tarde. Mas ao mesmo tempo, o texto nos remete ao valor desta pesquisa científica, enquanto estudo sócio-cultural e registro determinante sobre a arte que essas artesãs desenvolvem num contexto onde, historicamente, esse artesanato sempre era reconhecido como um ofício dos homens.



O reconhecimento à voz e à obra dessas artesãs ganhou luz a cada fotografia e a cada trecho de entrevista, cuidadosamente escolhido para contar suas vidas no livro *Mulheres Artesãs do Alto do Moura*. Um projeto que se tornou um presente! Um “vaso de barro repleto de histórias VIVAS, que foram registradas com respeito e carinho e com o devido reconhecimento histórico, pela sua importância cultural. Houve um encontro, em especial, que marcou bem a tod@s: as artesãs construíram com barro, juntas, uma árvore genealógica. Colocaram ali os frutos que simbolizavam as suas filhas e netas, mas também raízes para simbolizar as suas mães e avós. Gerações e gerações que viveram e sobreviveram do barro, por amor à arte e também pela necessidade de alimentar as suas famílias...

Naturalmente, também citaram os seus pais, filhos e netos como parte dessa árvore genealógica. Todas construíram a árvore... lembrando o passado e marcando no barro a importância de firmar um futuro. Existia ali um orgulho em ser artesã, mestra, mãe, tia, filha, irmã, neta... em ser mulher... em ser alguém que se orgulha de quem é e do que produz... que se orgulha de SER quem é... e de se reconhecer digna... de ter uma história de vida... como alguém que tem valor para si mesma... e para o grupo ao qual pertence... Assim como no barro... tudo começa em nós... tudo termina em nós.

Naquele dia, ficamos pensando, olhando para aquela árvore... e olhando para toda aquela gente... para alunos e para professoras... olhando o orgulho daquelas artesãs, ao segurar aquele barro, com tanta força e energia... todos juntos... pensando assim: “Que aquele poderia ser apenas mais um encontro, mas, para nós, ficou o sentimento de que a simbologia do barro e daquele encontro nos ensinou o que elas estavam dizendo, ali, de uma forma tão simples e inigualável... sobre a importância de nós preservarmos as nossas raízes, de moldarmos cada um dos nossos frutos e nos orgulharmos de quem fomos e de quem nos tornamos, continuamente... e sempre.”

Nos orgulharmos para nós mesmas! A intensidade do que foi vivido está em nós! A vida da gente parece de barro... de barro se faz... se desfaz... e se refaz...

Luciana L. Freire.







Fotografia: Diogo Cavalcanti

## **CAPÍTULO I - O BARRO E SUAS HISTÓRIAS**

Eu sou a terra, eu sou a energia da vida



## O barro: onde tudo começa

O barro é um símbolo que nos remete à origem da vida, ao chão que nos serve de base, à raiz de nossa existência, ao sustento, entre outras significações atribuídas a concepções religiosas clássicas ou contemporâneas.

Deste chão, mulheres e homens arrancam sustento cotidiano e riqueza, pedra, arte e pão. A relação da terra com o chão e o barro<sup>1</sup> não é nova, a experiência da criação do mundo nos coloca frente a narrativas que trazem a relação do barro com a vida. Encontramos essas narrativas, com os hebreus, os gregos e outras civilizações antigas. Por exemplo, a linguagem metafórica da escritura bíblica revela a importância do oleiro como ser que cria, e assim a simbologia que representa a divindade, é o oleiro experiente que molda na argila o ser humano - um ato de criação e de liberdade.

A terra, o barro, a argila são reconhecidas enquanto símbolos da origem da vida. O chão, a raiz, o que nos sustenta. Os locais e descobertas do uso do barro não são precisos, mas há evidências de que tenha sido na Mesopotâmia a descoberta do barro para a fabricação de tijolos. Pfeifer et al. (2001)<sup>2</sup> relata a descoberta de tijolos de barro modelados manualmente na região do rio Nilo datados de 14.000 a.C., e de tijolos queimados datados de aproximadamente 5000 a.C. Estudos arqueológicos indicam que a cerâmica é o material artificial mais antigo produzido pela humanidade. O termo cerâmica vem do grego *kéramos* e significa terra ou argila queimada. A técnica de queima ou cozimento da argila só foi aperfeiçoada na Antiguidade com a invenção do forno que também era feito de argila. O tijolo

---

1. Argila e barro são sinônimos. São terras de grãos muito finos e que podem apresentar diferentes tonalidades: vermelha, amarela ou branca (LAROUSSE, 2011). De acordo com Araújo, Rodrigues e Freitas (2000), as argilas são recursos naturais de granulometria fina, inferior a 0,002 milímetros. Elas são solos residuais que se formam devido ao intemperismo físico ou químico sobre rochas cristalinas ou sedimentares. O óxido de ferro é o componente responsável pela coloração avermelhada da argila.

- ARAÚJO R. C. L., RODRIGUES E. H. V., FREITAS E. G. A., 2000. Vol. I. EDUR. Rio de Janeiro, Brasil, p.108

- LAROUSSE, Ática. Dicionário da Língua Portuguesa. São Paulo: Ática, 2011.

2. PFEIFER, G et al. Masonry construction manual. Basel, Switzerland:2001.

queimado (cozido) é uma invenção que data aproximadamente 2.000 a. C. (CHALLONER, 2010)<sup>3</sup>.

Dos tempos passados aos dias atuais, ainda que goze de menos prestígio social e econômico na sociedade contemporânea, o trabalho oleiro persiste como forma de ocupação de homens e mulheres.

Nas histórias aqui narradas, o barro é o ponto de início, a base de sustento familiar, a criação, a vida. Entraremos em contato com mulheres do barro, com muitas histórias marcadas pelo trabalho com o barro, memórias desse viver que começa com essas mulheres ainda meninas: “nunca trabalhei com outra coisa, sempre com o barro, desde o cavalinho de barro, da panelinha, o bonequinho ao xadrez, ao retirante, ao dentista, tudo profissão, aí “chegou” as bonecas...” (Nerice), “Faz 50 anos que trabalho com o barro, bem satisfeita, se eu pudesse começar de novo, eu começaria com o barro novamente, não escolheria outra profissão e é isso” (Cleonice). “Eu comecei a trabalhar quando eu tinha uns 8 anos, fazendo uns cavalinhos pequenininhos, tinha vontade só de aprender” (Marli)

Aprender com o barro e do barro nos remete a um processo de trabalho, de reconhecimento e construção de uma identidade que se vai formando no ato de modelar, produzir, imaginar, inovar, “e cada vez mais fui aprendendo.” ( Edileuza ).” aí a gente ficava com aquela curiosidade do barro, para trabalhar, já para fazer alguma coisa pra gente brincar, fazia os brinquedos quando depois de 6, 7 anos quando a gente chegava da escola já queria pegar o barro” ( Socorro )

Apontamos algumas definições ditas pelas mulheres do barro que representam o preciso sentimento com a matéria: Terezinha “isso é matéria prima o que a gente trabalha, uns chamam argila outros chamam barro, massa feita, é uma mãe, porque dela a gente tira o sustento, isso se chama na minha opinião Deus, porque das nossas mãos tiramos o nosso sustento.” ou Griceu “se resume em duas coisas o amor que é grande pelo artesanato e a sobrevivência. É disso

---

3. CHALLONER, Jack. 1001 invenções que mudaram o mundo. Tradução de Carolina Alfaro, Pedro Jorgensen e Paulo Polzonoff Junior. Rio de Janeiro: Sextante, 2010.

que eu vivo,” ou ainda Cleonice “Minha arte é tudo pra mim, é o meu porto seguro”

Do lugar ou sentido onde essas mulheres se situam, percebem o barro é a matéria, e o ato criador que transformam-nas em personalidades com histórias, passados, presente e projeção do futuro. O produto não é mais o barro, antes o símbolo, o filho e a filha, o homem e a mulher, as brincadeiras e o trabalho, a cultura e a arte, a panela e a vida, prazer, autorretrato e sustento.

Segundo Socorro, “apesar de ser uma peça que dá mais trabalho, mas eu gostei de fazer e até hoje faço, então é assim, muito amor, gosto de fazer aquelas cenas do cotidiano, as brincadeiras de criança.” Ou ainda, “Tenho prazer, gosto demais, amo meu trabalho é uma terapia muito boa pra mente. Muito bom! Gosto muito de trabalhar” (Jandira),

Sobre os processos de criação artística, afirma Fayga Ostrower (1995) que criar é dar forma a algo novo, é a novidade do olhar, e este ato criador exige do autor e de sua autora a capacidade de compreender, significar, relacionar e refletir. Destacamos aqui que estas são algumas das principais atividades cognitivas superiores, assim chamadas na psicologia. No momento em que as executamos, elevamos nossas funções e capacidades mentais extraordinariamente.

As mulheres aqui retratadas afirmam que aprenderam com outras mulheres e homens que deram sentido ao trabalho e essa herança deve continuar: “eu acredito assim, que a melhora é que, a mãe ensina mais ao filho, não falando que o pai não ensina, claro que ensina, mas a mulher aprendendo, ela passa mais para o filho e é uma vantagem “pra” não deixar a nossa arte morrer, ela tá sempre incentivando os seus filhos, aí que eu vejo o trabalho da gente, da mulher influenciar mais na continuidade”. (Terezinha); “Eu gosto de passar, se alguém quer aprender” (Ivonete); “Eu comecei a aprender a trabalhar com barro desde 7 anos, vendo a minha mãe trabalhar e minha avó que foi a primeira artesã mulher a trabalhar com o barro. Então eu vendo elas duas trabalharem, fui aprendendo, elas foram



me ensinando e eu fui me aperfeiçoando, Dona Ernestina minha avó e minha mãe Eunice. (Betânia); “sempre querendo aprofundar meu trabalho, porque como papai não estava mais com a gente, a gente tinha que se preocupar mais, porque era o que a gente tinha “pra” se apegar nele, através desse trabalho” (Marliete) ; “a gente era uma família toda que trabalhava no barro, fazia todo tipo de peça, utilitária e decorativa, então a gente fazia boneca, panelinhas, pratos, fazia tudo, sobre o barro a gente fazia tudo, peças do mestre Vitalino, as réplicas, nós imitávamos, fazia tudo que ele fazia, e vendia na feira de Caruaru e vendia a outras pessoas que levavam “pra” fora de Caruaru.” (Ivonete); “a minha mãe fazia, minha avó foi a primeira artesã, aí eu morava com ela e me identifiquei de ver fazendo as peças, via ela e ia fazendo as pecinhas com 8,10 anos de idade comecei fazer uns bozinhos, umas panelinhas, aí, me identifiquei com o barro é mais do tradicional, as peças tradicionais, o forró, a banda de pífano, eu sempre me inspiro nessa parte” (Janaina).

Este processo intenso e gratificante conforme observamos nos relatos das mulheres, envolve diretamente a criadora com a obra. Assim, criar, dando forma, implica não apenas em traduzir, mas em traduzir-se na obra, experimentar, destruir, reconstruir, um processo formativo constante: “a gente foi criada no barro” (Ivonete), “adoro produzir, adoro criar, principalmente na parte de pinturas, de criar novos desenhos, novos coloridos, por quê? Porque eu acho que me completa, o artesanato do barro me completa” (Nerice) “, aqui a gente tem as duas coisas, era a necessidade de ajudar os pais e o amor, casou bem, porque hoje eu tenho tudo, meus filhos são educados das minhas mão do barro!.. (Terezinha).

Ao criar, a autora começa um diálogo com o mundo, e mesmo sendo um ato particular de uma autora, esse ato remete a outros e outras performativamente na obra. “... mas quando eu faço as peças, eu gosto de me inspirar no frevo, eu faço o frevo eu acho muito bonito e é um trabalho que você faz e você gosta, de poder modelar o barro com a perfeição de você fazer algo que você acha bonito que você gosta de fazer aquilo ali e que quando você termina, tem algo feito por você essa é a emoção que a gente sente” (Genilda) , Dessa forma, criar é um ato relacional.

Ao criar, o artista não precisa teorizar a respeito de suas vivências, traduzir os pensamentos e emoções em palavras. Ele tem mesmo que viver a experiência e incorporá-la por dentro. Daí, espontaneamente, lhe virá a capacidade de chegar a uma síntese dos sentimentos – naquilo que a experiência contém de mais pessoal e universal – e de transpor esta síntese para uma síntese de linguagem, adequando as formas ao conteúdo (OSTROWER, 1995, p.17)<sup>4</sup>

Dessa forma que criar é relacionar, relacionar-se, ver e analisar, sentir e significar. Do caos inicial de um barro sem forma e sem sentido, origina-se o novo, a forma e a cor, o sentido e a representação. Lowen (1984, p.26)<sup>5</sup> define o processo criativo como “todo processo criativo é motivado pela busca do prazer”, “me dá prazer, do barro, no ler um livro, contar uma história” (Cleonice), ou como afirma Terezinha “porque trabalhar com o barro - eu costumo dizer aos meus filhos e hoje aos meus netos, que é muito bom, é muito bom trabalhar com artesanato de barro, ele traz pra gente alegria, criatividade.”

## Chegando ao Alto do Moura

Em busca dos sentidos e significados da cidade, Fonseca (2013), na primeira parte do seu livro, Pernambuco: o que há nos nomes das nossas cidades, se debruça sobre sugestões contidas nas denominações dos municípios brasileiros. Ele procurou “agrupar os topônimos em algumas categorias genéricas [segundo sua percepção] apoiada, ampliada, confirmada ou negada por uma mirada na perspectiva histórica da formação das cidades” (FONSECA, 2013, p. 15).

4. OSTROWER, F. Acasos e criação artística. Rio de Janeiro: Campus, 1995.

5. LOWEN, Alexander. Prazer: uma abordagem criativa da vida. São Paulo: Summus. 1984



Segundo o autor, em âmbito geral, nos nomes de nossos municípios “coexistem traços tão díspares quanto religiosidade e a poesia, o telurismo e a adulação, a megalomania e a autodepreciação, o machismo e a inventividade” (FONSECA, 2013, p. 25)<sup>6</sup>. O autor afirma que numa primeira leitura dos nomes dos municípios brasileiros o que chama atenção é o pitoresco. Segundo ele, são denominações curiosas, algumas hilárias, estapafúrdias, autodepreciativas etc.

Há também nomes de cidades de predominância masculina. Existem no país 615 cidades que levam nomes masculinos, sendo seus fundadores políticos, fazendeiros, militares, empresários, religiosos. O autor ressalta o patriarcalismo da sociedade. Não é diferente no Alto do Moura, seu nome reporta-se ao antigo proprietário português, chamado Moura “[...] dono das terras circundantes, que mostram algumas elevações geográficas. Assim, as pessoas se referem ao lugar como o Alto do Moura” (BAPTISTA 2006, p. 20)<sup>7</sup>.

O ambiente trata-se de um espaço representativo de manifestações da cultura popular, desde longas datas; a sua expressão tem origem na cerâmica figurativa e na sua arte. Inicialmente, a produção do barro acontecia em pequenas olarias de propriedade familiar, que produziam, basicamente, louças de uso doméstico. Era uma atividade peculiar à figura feminina, cabendo aos homens a função de colocar as peças no forno e, depois, no lombo do cavalo para conduzi-las à feira (...). ao longo do tempo, a relação próxima entre mães e filhos favoreceu-lhes o aprendizado do manuseio do barro; assim, as crianças modelavam bichinhos e brinquedos que eram vendidos juntamente com a produção dos pais. (CORDEIRO, 2015, p.22)<sup>8</sup>

---

6. FONSECA, H. Homero. Pernambuco: o que há nos nomes das nossas cidades. Recife: CEPE, 2009. PERNAMBUCO.

7. BAPTISTA, M. L. Feira de Caruaru: Inventário Nacional de Referência Cultural. Caruaru PE, 2006.

8. CORDEIRO, Sammara de Lima. Sentimentos e significados do processo de produção e comercialização da arte figurativa do Mestre Vitalino: um estudo etnográfico sobre artesãos do Alto do Moura em Caruaru - PE / Sammara de Lima Cordeiro – Recife: FBV | DeVry, 2015.p.22



Segundo Gaspar (2011)<sup>9</sup>, O Alto do Moura é um bairro de Caruaru, município do agreste pernambucano, onde se concentra uma comunidade de artistas do artesanato do barro. Situa-se a cerca de 7 km do centro da cidade de Caruaru, e é considerado, pela UNESCO, o maior centro de arte figurativa das Américas.



Segundo ainda Gaspar (2011)<sup>10</sup> “Antes do século XVI, a região fazia parte de um território compreendido entre a Bahia e o Maranhão, habitado pelos índios Kariris, que possuíam uma produção de cerâmica de barro rústica, sem um estilo definido ou decoração. Fazendo-se uma comparação da cerâmica utilitária produzida pelos loucerios de barro da região, até a metade do século XX, nota-se que há uma grande influência da cultura indígena, assim como a existência também de algumas práticas introduzidas pelos negros e pelos portugueses.”

9. GASPAR, Lúcia. Alto do Moura, Caruaru, Pernambuco. Pesquisa Escolar Online. Fundação Joaquim Nabuco. Recife. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar>, 2011.

10. Idem.

O Rio Ipojuca acompanha a história das mulheres do barro. A princípio o barro extraído da zona ribeirinha do rio destinava-se à produção de louças de barro ou cerâmica utilitária, para fins domésticos e comercializada nas feiras locais. Sua extração e produção eram responsabilidade das mulheres e “prática constante nas famílias locais, onde os homens dedicavam-se à produção agrícola e as mulheres trabalhavam na produção artesanal das louças” (CORDEIRO, 2015, p.39).

Mas quando o utilitário vira arte? Criar é uma necessidade, inerente ao ser humano. “Ela acontece naturalmente e não pode ser detida” (ALMEIDA ,1980, p. 54)<sup>11</sup>. E como afirma Cordeiro (2015, p.44): “Assim, surgem as relações do sujeito com o mundo através da arte, passando por gerações, agregando valores e costumes a um grupo. Nesse contexto, surgem artesãos/ãs que expressam a arte através das suas próprias mãos”.

Neste livro queremos homenagear as mãos e as vidas das mulheres do barro<sup>12</sup>, que atualmente criam, a partir do barro, o sustento e a arte, ou seria melhor dizer a arte do sustento. Mulheres artesãs que fizeram do barro o trabalho, a inspiração, a criação, a beleza e dão vida as muitas figuras e objetos que produzem. Produzindo a si mesmas em cada obra.

---

11. ALMEIDA, M. R. A obra realiza-se com a arte. In: Artsanato Brasileiro. Fundação Nacional de Arte. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1980.

12. Destacamos que as mulheres citadas neste livro, são as que participaram da pesquisa, mas há muitas outras não citadas, que esperamos, sintam-se igualmente homenageadas.







Obra: "Carmem Miranda" por Griceu  
Fotografia: Diogo Cavalcanti

## **CAPÍTULO II - AS VOZES DA MEMÓRIA**

Vida é memória. Somos todas preenchidas  
e encantadas por estas aqui registradas.



# Nerice Otília

## Mulher Valorização

“... fulano artesanato, sempre tem artesanato no nome do ateliê, pra ficar uma coisa mais simples, pra saber que a gente mesmo produz.

Minha infância começou assim: desde pequena que a gente foi criada assim, na cerâmica, que a gente chamava de cerâmica, foi pegando em barro, brinquedo, brincar de fazer boneco de barro, aí fui crescendo.

Amo o que faço porque eu acho que me completa, o artesanato, o barro me “completa...” o barro porque é minhas origens... criei um vínculo muito forte que faz parte de mim.

***Chega uma pessoa no meu estabelecimento e diz assim - ah! isso é de barro, tá muito caro, faça mais barato, isso é de barro você faz outro... Quer dizer que aquele que eu fiz, qual é o valor que tem, nenhum? só porque é de barro e eu como fabricante posso fazer outro, aí, e aquele não tem valor?***

A mulher, ela trabalha mais que o homem, ela retrata mais o dia a dia mais perfeito, o lado profissional dela tá ali no artesanato, no barro, aí eu acho que hoje em dia a influência da mulher no artesanato puxou muito pra esse lado, aí valorizou mais o artesanato.”



Clique na imagem para ir para entrevista.





# Cleonice Otília

## Mulher Certeza

***“Faz 50 anos que trabalho com o barro, bem satisfeita, se eu pudesse começar de novo, eu começaria com o barro novamente, não escolheria outra profissão, e é isso!*”**

Meus pais aprenderam e já passaram “pra” gente. Mas o interesse é esse já na brincadeira, a criança brincando com o barro.

Eu me inspiro mais no talento, na alegria, na exuberância da mulher e na minha cultura nordestina. Minha arte é tudo pra mim, é o meu porto seguro ... não tem o valor que eu acharia que merece, se você for na escola e “ver” o talento das crianças, você fica encantado, então isso precisa muito ser valorizado.

A mulher trabalha muito mais, tem um jeito mais delicado de trabalhar, tem mais paciência no que vai fazer, ela tem imaginação, tem sutileza no trabalho... Eu acho que trabalhar é um tipo de desabafo. A gente não gosta de tomar de conta de casa aí a gente vai trabalhar que a gente ganha mais, eu detesto de tomar de conta de casa!

Você olha as peças feitas pelas mulheres você não vê um vestido repetido... no design a influência da mulher é melhor do que o homem.”



Clique na imagem para ir para entrevista.



# Edileuza

## Mulher Saudade

***“Admiro minha tia Ernestina (1ª mulher a modelar o barro no bairro) que toda vida trabalhou com o barro até ficar velhinha, sempre com o barro, admiro ela porque ela sempre viveu disso e porque foi ela que me ensinou.***

Considero de valor, eu nunca pensei em trabalhar com outra coisa... quando o pessoal de fora vem eu fico feliz, valoriza nossas peças... agora o pessoal daqui de Caruaru não valoriza não o nosso trabalho. As peças de antes, a maioria, era só o barro mesmo, não eram pintadas, e hoje as mulheres pintando deixam tudo muito colorido. As mulheres capricham mais que os homens, nas formas, nos traços, na pintura, os homens e as mulheres fazem as peças, mas quem “pinta” sempre são as mulheres, a maioria dos homens trabalham com outras coisas, quem trabalham mais com os barros são as mulheres.”



# Marlí

## Mulher Cor do Barro



“Eu comecei a trabalhar quando eu tinha uns 8 anos, fazendo uns cavalinhos pequenininhos, tinha vontade só de aprender... ia para a casa da tia Ernestina, chegava lá eu ficava do lado dela, aí ela fazendo ela dizia:

– Oh Marli você quer aprender? Aí eu dizia:

– Eu quero aprender também, e graças a Deus até hoje tô fazendo minhas pecinhas, as minhas peças “é” tudo natural, o retirante, família de retirante, a banda, trio.

Gosto muito de trabalhar. **A inspiração do meu trabalho é continuar fazendo, só parar quando eu não puder mais fazer mesmo... minhas peças “é” assim toda natural, não faço nada de forma, tudo na mão mesmo, não tem nada de forma não, uma cabeça eu não sei fazer na forma, só na mão mesmo.**

As mulheres daqui têm mais interesse pelo artesanato, os homens têm alguns que têm, mas as mulheres têm mais, se fosse só os homens não iam pra frente não, as mulheres daqui gostam de terem os seus dinheiros, fazer suas produções e elas mesmo vender, não depender de ninguém.”



# Terezinha

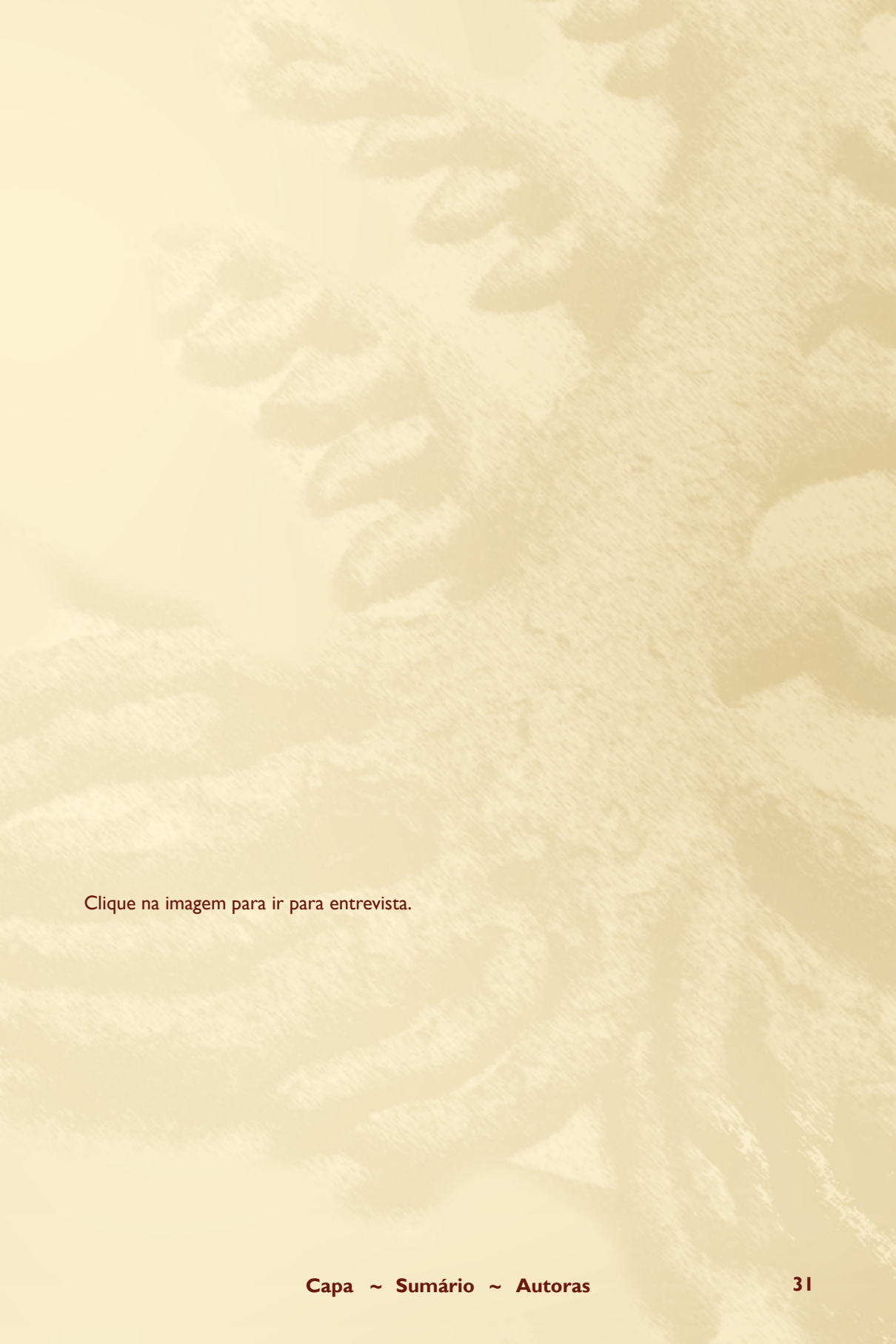
## Mulher Amor à Arte

“Bom trabalhar com artesanato de barro, ele traz pra gente alegria, criatividade.... porque toda arte tem que ter o amor, se você for trabalhar em qualquer profissão, só visando financeiramente não vale a pena, só vale se trabalhar por amor também, ***aqui a gente tem as duas coisas, era necessidade de ajudar os pais e o amor, casou bem porque hoje eu tenho tudo, meus filhos são educados das minhas mão do barro.***”

Tenho muito prazer, eu entro nos restaurantes olho para as mesas e vejo as pessoas comendo nos pratos que eu faço, isso é gratificante.

Isso é matéria prima o que a gente trabalha, ***uns chamam argila outros chamam barro, massa feita é uma mãe, porque dela a gente tira o sustento, isso se chama na minha opinião Deus,*** porque das nossas mãos tiramos o nosso sustento. Eu acredito que hoje as mulheres influenciaram mais para o melhoramento, que a melhora é que a mãe ensina mais ao filho, não falando que o pai não ensina, claro que ensina, mas a mulher aprendendo ela passa mais para o filho e é uma vantagem pra não deixar a nossa arte morrer.

Eu não faço entrega... quem quiser meu trabalho vem pegar aqui.”



Clique na imagem para ir para entrevista.





# Marliete

## Mulher Detalhes da Obra

“Eu sou filha de Zé Caboclo, um dos primeiros discípulos de mestre Vitalino, sou filha de Ernestina, uma artesã que passou a vida inteira, mais de 70 anos, trabalhando fazendo panelinhas que era o que ela gostava mais de fazer... Entrei na escola e quando eu estava estudando eu ficava pensando em voltar pra casa, trabalhar que era o que eu gostava. Descobri muito cedo que era importante trabalhar com o barro.

Passei dois anos fazendo peças grandes, sempre querendo aprender mais. Eu fui tentando descobrir com, muitas coisas, fazendo muitas experiências na vida, eu fui me interessando a melhorar o meu trabalho e comecei a diminuir mais a produção e comecei a fazer um trabalho melhor, mas foi um processo bem lento... em 1975, começou a ser um trabalho divulgado, começamos a participar de feiras. Eu me sinto muito feliz não só porque é o meio de vida, mas porque me faz bem criar, fazer coisas que retrata a nossa história, nossa região, o folclore. Meu trabalho é um companheiro na minha vida. Quando estou trabalhando na criação, como também no bem que o meu trabalho faz para as pessoas, ver o meu trabalho nas casas faz bem... de gostar de representar o que faz que é muito importante, poucos homens conseguem fazer o trabalho em miniatura, são mais trabalhos... eu acho que a gente mulher “buscam” mais detalhes... Toda história do meu pai me encantava o que ele fazia, como também mestre Vitalino, criou tantas coisas lindas que

“retrata” nossa vida, foi uma pessoa muito humilde... mas também me inspira Manoel Eudócio, que foi um artista, um mestre que deixou um exemplo muito lindo, de criatividade, muita beleza...

A minha produção eu faço sozinha porque cada uma tem seus trabalhos diferentes, tem uma característica diferente... eu sento, começo meu trabalho, leva muito tempo pra fazer dependendo da cena... Antes eu distribuía muito nas lojas, para o Rio e São Paulo, fui diminuindo, não consegui mais atender as lojas, passei a fazer mais para os colecionadores, porque o colecionador pode esperar, ele não tem pressa... quando a pessoa não pode pegar aqui na minha casa mando pelo correio. Em Recife a gente entrega na casa da cultura, tem o centro de artesanato em Recife.

Quando eu mudei o trabalho eu comecei a fazer rostos diferentes, comecei a me preocupar mais com isso, a expressão do rosto, se for uma fêmea, uma vovozinha contando histórias para os netinhos, coloca a expressão da vovozinha com mais ruguinhas e as crianças com rostos de crianças, é essa coisa que eu vou buscando mudar. Os detalhes, também faço muitas misturas de tintas para buscar cores diferentes...

Antes só ouvia falar da história do Alto do Moura com os homens, tinha Dona Ernestina a primeira artesã, depois eu com esse trabalho, eu ajudo no que eu puder incentivar, para que os jovens se interessem a se envolver mais nessa história, para que essa história continue.”



# Socorro

## Mulher Arte em Família

“Nós sempre vendo o meu pai Zé Caboclo e os seguidores de mestre Vitalino trabalhando, aí a gente ficava com aquela curiosidade do barro, aos 6, 7 anos quando a gente chegava da escola já queria pegar o barro pra fazer os brinquedos, fazíamos para brincar depois, aí o interesse foi de fazer alguma coisa para ganhar dinheiro, foi fazendo, a gente foi gostando, fazia os cavalinhos... então é assim, muito amor, gosto de fazer aquelas cenas do cotidiano, as brincadeiras de criança que eu gosto muito.

**É uma terapia, toda vez que tá ali, criando, inovando,** uma peça nova porque todo ano participamos da FENEARTE, que foi uma coisa muito boa pra nós... **eu gosto demais em conseguir fazer aquilo que vem na imaginação, aquelas cenas da família, das brincadeiras, eu me sinto muito bem ... gosto muito de fazer as profissões, os vendedores ambulantes com carrinho e as brincadeiras de crianças. O que “identifica” minhas peças são as pinturas**

Desde antes com meu pai que eu gostava muito do trabalho dele, ele fazia umas peças rústicas do barro natural, que eu faço colorida, mas também faço com o barro natural, do meu tio Manoel Eudócio, foi o criador de muitas peças, hoje eu me inspiro na família.



Acredito que seja de valor, as pessoas gostam, os colecionadores, acredito que eles valorizam muito.

Parece que as mulheres dedicam de agregar o amor nas coisas, “pra” ficar mais bonito, mais colorido... nas peças as mulheres estão sempre procurando fazer melhor, com criatividade.

Eu vendo aqui no meu ateliê, para uma loja do aeroporto , vendo “pra” duas lojas no Rio de Janeiro, outras são do Recife, 4 colecionadores do Recife que sempre estão em busca de coisas novas, todo ano tenho que “tá” inovando; Principalmente eles compram lá na FENEARTE, desde de 2000, onde 4 vezes eu fui premiada lá no salão de arte e isso aí foi ótimo.”

[Clique na imagem para ir para entrevista.](#)



# Griceu

## Mulher Arte Negra

“Eu acho que a gente já nasce com a inspiração “pra” aquilo, e eu tenho certeza que nasci pra isso...

**Quando eu vou fazer uma boneca eu pego com tanto amor, vou fazendo e fazendo, quando pensa, já entro pela noite e vou “pra” madrugada, não tem explicação, eu me inspiro tanto, eu amo tanto trabalhar com artesanato. Eu acho que é sentimento, emoção, fica tudo junto... eu me inspiro muito nas coisas antigas, me inspiro muito no passado, adoro africanas, **adoro criar negros e se eu me localizar como negro, aí que eu crio peça bonita. O cabelo, todo mundo só conhece meu trabalho pelo cabelo, faço um modelo nas minhas bonecas de cabelo igual ao meu.****

Eu acho que nosso trabalho não é muito valorizado, mas ele é de valor. Eu mando muito “pra” fora, o pessoal faz o pedido e o rapaz leva. Antes eu fazia “pra” fora pra o exterior, “pra” África.

As mulheres sempre trabalharam mais aqui, o artesanato sai muito mais das mãos das mulheres aqui... os homens foram a minoria, as mulheres sempre foram as que mais trabalharam...”



Clique na imagem para ir para entrevista.





# Betânia

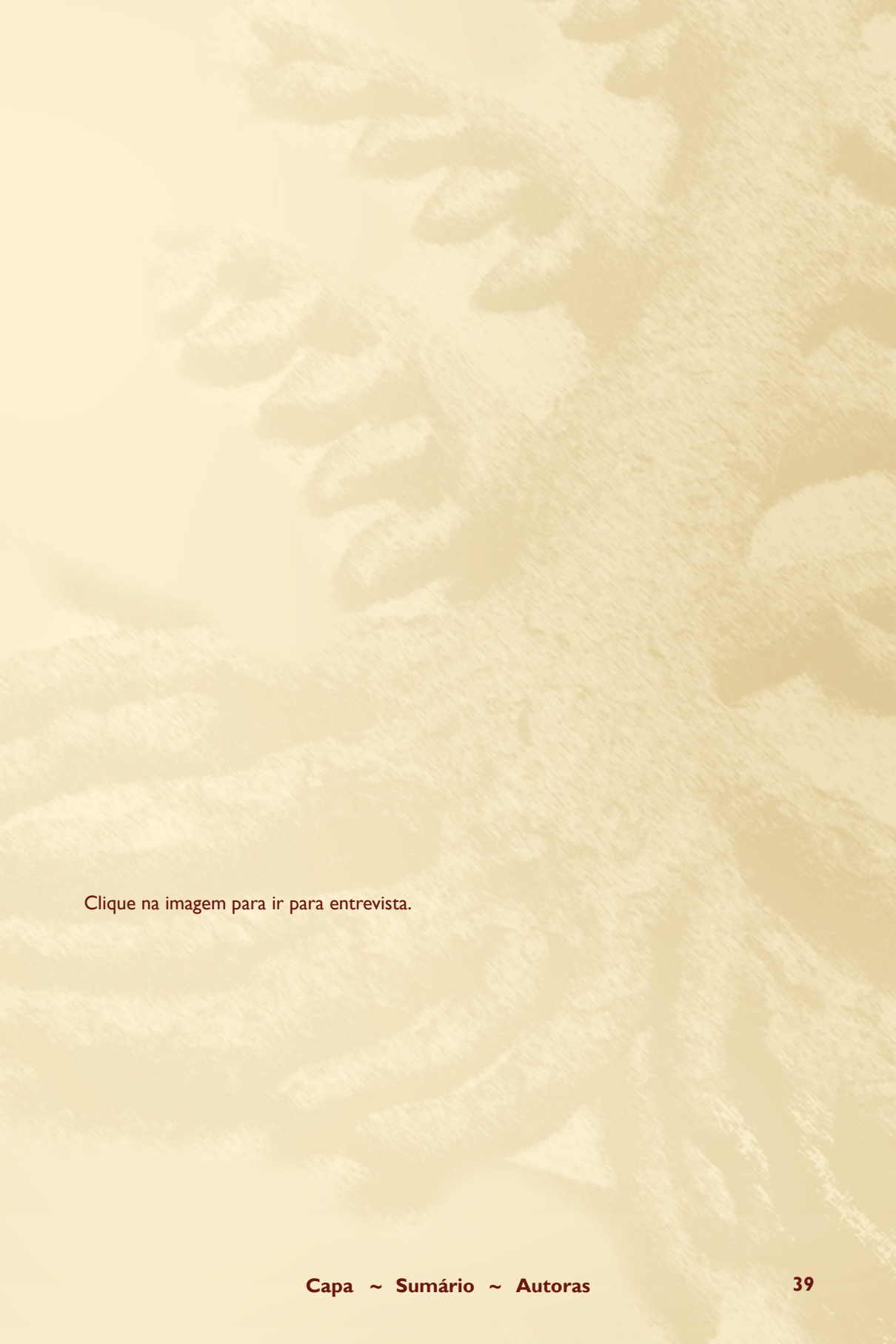
## Mulher Arte Terapia

“Hoje faço, gosto e ensino, gosto e ensino também para as pessoas o que eu sei fazer.

Quando não “tava” com minha avó, “tava” com minha mãe... quando não “tava” na escola, tava trabalhando...

Difícilmente um homem faz miniatura. A mulher, faz todo tipo de peça...

**Aqui as mulheres pegam na massa mesmo, não tem isso de o homem só trabalhar não... e serve como uma terapia “pra” mulher e “pro” homem... deixaram de ser só aquelas mulheres submissas, são mulheres trabalhadoras, que podem ganhar seu dinheiro.”**



Clique na imagem para ir para entrevista.



# Genilda

## Mulher Barro Bem Tratado

“Era muito difícil não ter uma peça nova, eu achava bonito e observava... agora meu pensamento é crescer.

Têm peças que quando a gente termina de fazer a gente acha tão bonito que não quer se desfazer delas... às vezes chega um colecionador e a gente termina passando “pra” frente.

**Gosto de me inspirar no frevo... de poder modelar o barro com a perfeição... tem algo feito por você, essa é a emoção.**

...E ele veio da Bahia a minha procura para me conhecer e comprou um jogo de xadrez, então a minha arte é importante. **O meu trabalho é todo feito por mim... o processo de secar, depois eu vou para o forno, ela é queimada, depois eu mesmo pinto, faço a decoração delas. Minha peça se identifica da forma que eu coloco a posição da mão... das mulheres artesãs nenhuma peça fica igual a outra.”**





Clique na imagem para ir para entrevista.



# Ivonete

## Mulher Felicidade

“Com 12 anos eu já ganhava dinheiro com a minha arte... desde que eu lembro de mim, é no barro trabalhando... minha mãe tinha feito bonecos de barro “pra” gente brincar, que a gente chamava de Calunga, porque ela furava a boca dele e a gente botava água e saía direitinho, então nós não “tinha” bonecos bons de loja “pra” brincar, aí mãe fazia, aí nós “fazia” as caminhas, os berços do neném e “brincava” no barro...

Felicidade porque eu me realizo. Outro dia chegou uma senhora passeando... o artesão, eu né! barro em todo canto, aí ela saiu e voltou e disse assim:

- A senhora vive bem?

- **Eu vivo bem, graças a Deus eu vivo bem.**

- Do barro?

- **Do barro. Eu tenho minha casa, outras coisas... Porque ela me viu, assim, num lugar bem simples, humilde... como ela sobrevive desse bolinho de barro? mas aquilo é uma felicidade tão grande que eu tenho, que compensa tudo. Se alguém quer aprender eu ensino, eu gosto de passar. Às vezes chega gente de fora e diz:**

- É muito difícil ?
- **Não, pegue no barro. Porque às vezes pessoas que não conhecem têm até um receio de pegar no barro.**
- **Pegue no barro o barro é limpo.”**

Clique na imagem para ir para entrevista.





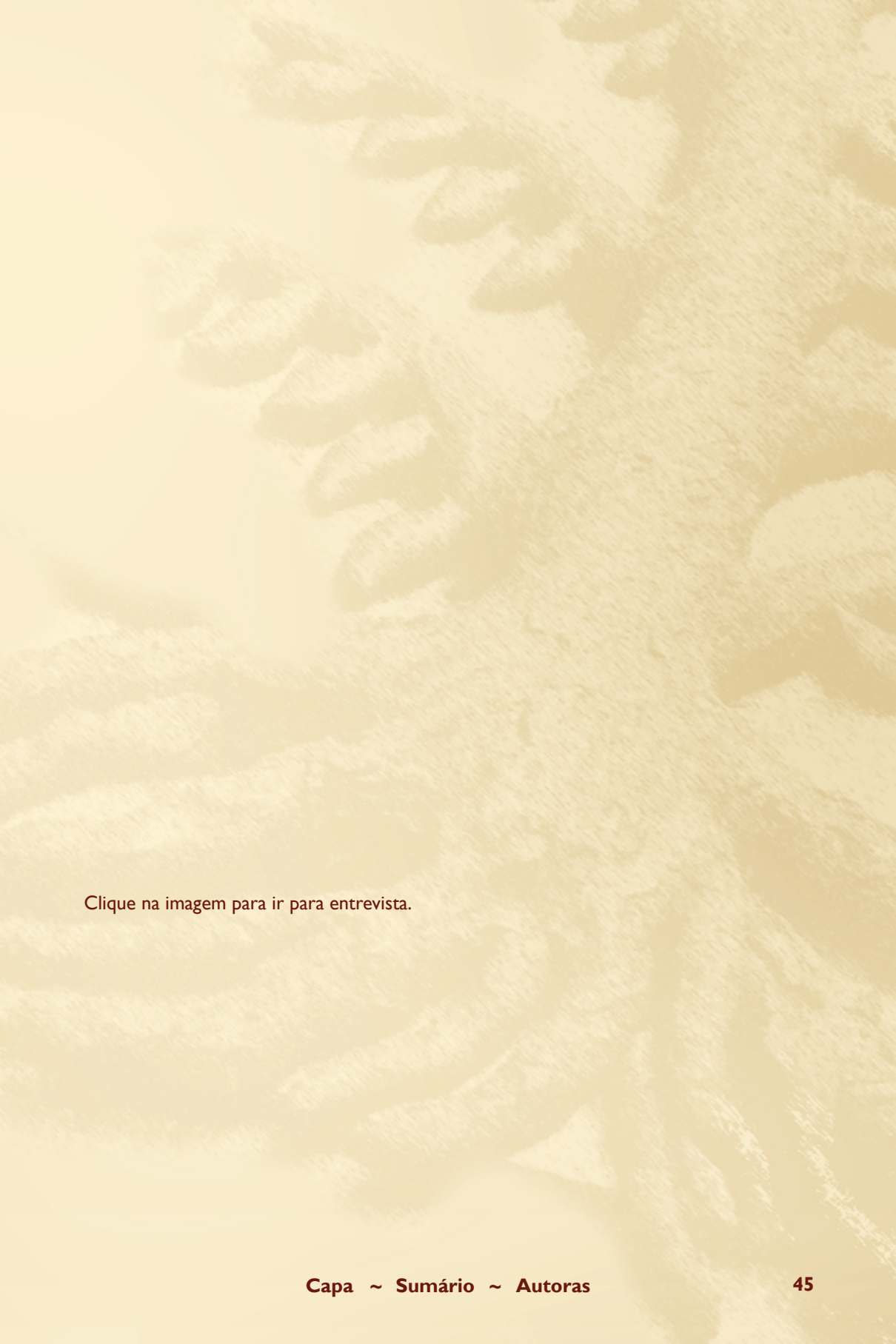
# Janáína

## Mulher Cria com Carinho

“Quando eu começo a fazer que termino, conseguir fazer mais uma peça conseguir pintar, “pra” mim tem um valor especial...”

**Eu acho que as mulheres trabalham mais, se identifica mais, “pra” produzir mais... Eu acho que tem mais mulher do que homem aqui trabalhando atualmente, mais tempo, mais quantidade.**

**Quando é “pra” criar eu fico imaginando, aí quando eu seco penso com carinho até chegar num ponto final. Eu faço só, do começo ao fim.”**



Clique na imagem para ir para entrevista.



# Jandira

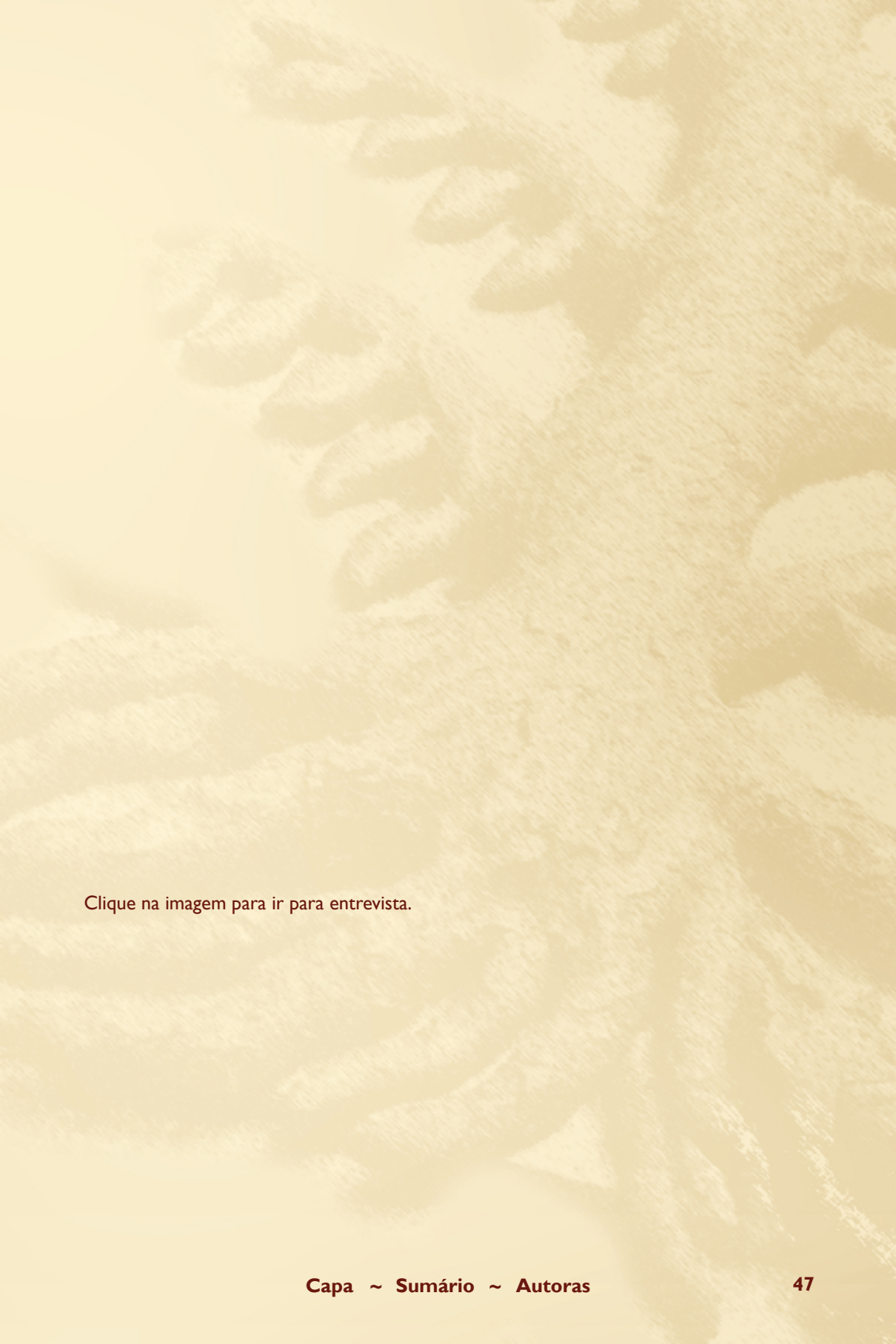
## Mulher Nossa História

“Tenho mestre Manoel Eudócio, meu pai, Marliete e outras.

A inspiração que Deus dá à gente “pra” gente trabalhar e dá inteligência pra gente criar... ninguém faz igual à minha. Cada artesão tem a sua carinha, suas feições, sua pinturas e o jeito da peça, qualquer artesão que chegar lá em Recife ou na Bahia ele conhece a arte do meu trabalho, se eu chegar eu conheço o trabalho dos outros também.

**Têm várias pessoas que “faz” vários tipos de peças, mas a figurativa é a principal peça que o artesão deve fazer. A história da gente, do agricultor, a vida da gente, tem que fazer no barro “pra” vender... Até fora do Brasil, eu já vendi “pra” França. Meu trabalho, considero como a vida da gente...”**





Clique na imagem para ir para entrevista.





Obra: "A Noiva" por Marliete  
Fotografia: Mônica Ester

## **CAPÍTULO III - ARTES E SUAS EXPRESSÕES**

A artesã segurou o barro, contemplou, demorou e silenciosamente apresentou arte de sua vida a público.





**GRICEU - “CARMEM MIRANDA”**, moça de busto com cocá de frutas. Exibe e vende suas obras no ateliê e recebe encomendas. Já teve obras vendidas para a África.



**TEREZINHA - 2015 - “O Bule”, obra premiada na “I exposição em barro do A. Moura”**

## PEÇAS PREMIADAS:

**2017 - “O Monte das Oliveiras” - Obra exposta na Exposição do A. Moura;**

**2015 - “O Bule” obra premiada no Iª exposição em barro do A. Moura;**

**2014 - Homenageada na “I Mostra de Artesanato do Barro do A. Moura”.**



**CLEONICE OTÍLIA - 2017 - “Um Presépio”**, esta obra fez parte da exposição natalina junto com o grupo Flor do Barro no Museu Mestre Vitalino





**NERICE OTÍLIA - 2017 - "Adoração aos Anjos", obra selecionada no salão religioso da FENEARTE.**



## CARMÉLIA ARTESÃ



**CARMÉLIA - 2016 - “O Presépio de estrelas”, obra exposta na FENEARTE.**



**MARLÍ - “Trio Nordestino”, obra escolhida.**





**MARLIETE - 2005 - “Zé Caboclo e Manoel Eudócio Trabalhando”**, obra premiada na FEBRARTE no Centro de Convenções de Olinda.

### PEÇAS PREMIADAS:

**2005** - “A Noite de Núpcias” prêmio voto popular e exposta na FENEARTE; **Obra:** “A NOIVA”, menção honrosa pela Associação do Alto do Moura.



**GENILDA - 2004 - “O boi bandeira e a girafa”, obra exposta na FENEARTE.**



**JANDIRA - 2017 - “Barraquinha de roupas”, obra exposta na FENEARTE.**

**PEÇA PREMIADA:**

**2002 - “São João na Roça”, obra premiada no 3º No Salão de Arte Popular – FENEARTE.**





**BETÂNIA - 2015 - “Casal de Lampião, Maria Bonita e o sanfoneiro”, obra exposta na Associação do A. Moura.**



**MARIA CLAUDINEIDE - 2017 - “Jesus consolando as mulheres”, obra exposta na semana santa no Alto do Moura.**



**SOCORRO - 2017 - “Apanhando tanajuras”, obra selecionada na FENEARTE.**

**PEÇAS PREMIDAS:**

**2005 / 2000 - “O caminho da Romaria”, prêmio 3º lugar | FENEARTE e exposta no Museu Alfredo Anderson;**

**2001 - “A Pamohada”, prêmio 2º lugar FENEARTE;**

**2005 - “O Mutirão”, prêmio da Secretaria do Estado da Cultura - Homenagem do 1º concurso de esculturas do Exército Brasileiro-PE.**





**DONA IVONETE – 2016 - “Mulher da galinha”, obra exposta no Festival de Inverno de Garanhuns (FIG).**



**JANAÍNA** - “Lampião com cacto verde”, obra escolhida.







Fotografia: Diogo Cavalcanti

## **CAPÍTULO IV - AS MESTRAS E SUAS IDENTIDADES**

A identidade como o que se conquista continuamente.  
Um ir e devir no qual você é o ser ativo.

Quando solicitadas a emitirem um sentimento que as caracterize, Orgulho e Satisfação pelo ofício de artesã são as palavras mais enunciadas. É fácil entender porque algumas das entrevistadas relatam, entre suas experiências, o reconhecimento das premiações tanto local, quanto em esferas para além do estado de Pernambuco, como registrado no capítulo anterior.

Suas obras já foram enviadas para Portugal, África e França e, colecionadores/as encomendam peças exclusivas para seus acervos particulares. Esse reconhecimento e valorização refere o cuidado e a profissionalização com que as obras são criadas e produzidas.



As muitas mulheres artesãs do Alto do Moura iniciaram seus ofícios ainda crianças e nessa íntima convivência com o barro, que dura a vida toda de cada uma, desenvolveram técnicas passadas geracionalmente para as crianças e jovens familiares e, a outras crianças residentes ou visitantes do bairro, permitindo que a arte se mantenha e se reinvente por outras mãos, a exemplo das famosas miniaturas de uma das mestras, cujos detalhes são vistos apenas com lupa, em que identificamos as diferentes formas, tons e cores apresentadas nas cenas cotidianas e nas representações da cultura e expressões do lugar. Essa criação é compreendida pelas artesãs como experiências pessoais ou, vivências emocionais e não necessariamente oriundas de pesquisas ou formação em alguma escola. Tais crenças e sentimentos contradizem com o orgulho expressado no exercício da profissão e, suas identidades



profissionais acompanham o ritmo das heranças históricas do cotidiano. Na verdade, observando suas criações percebemos a geração de uma identidade coletiva que enche os olhos de quem visita os ateliês, mas também uma marcante identidade pessoal com traços femininos dotados de força e beleza incomuns. Dona Ernestina (\*1919 +1997), mulher pioneira entre os artesãos do Alto do Moura nos anos 40 do século passado, rompeu a hegemonia masculina e foi responsável por parte das origens do patrimônio artístico-cultural que aqui documentamos.

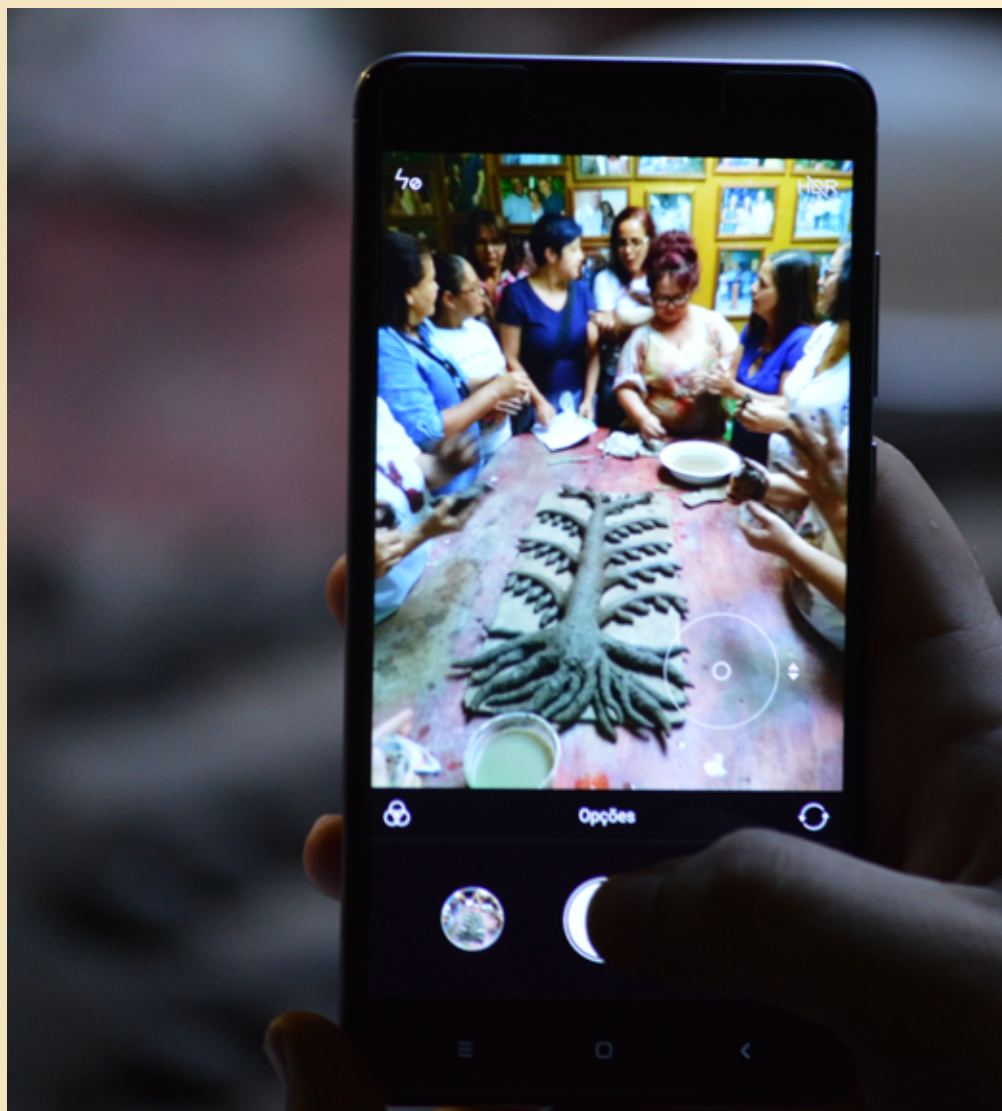


Essas personalidades artísticas nascem das inspirações de histórias de vida sem dúvida, mas especialmente dos dotes sensíveis de quem olha o cotidiano poeticamente. São produções de mulheres que miram no barro uma extensão de si e assim, revelam memórias ancestrais tornando-as imortais. O conhecimento das técnicas, a profusão de cores, a fartura de formas estão todos preservados nas mentes e nos corações das mestras artesãs. É pela oralidade que são repassados para as novas gerações, todo esse legado cultural, desde o trato do barro, sua secagem que pode durar até 4 dias para evitar rachaduras, até a queima das peças; bem como as finalizações das obras que podem se apresentar tanto em terracota, quanto pintadas em cintilantes e alegres cores. Por estes motivos é que o Alto do Moura foi intitulado pela Unesco ainda na última década de 40, como maior Centro de Arte Figurativa das Américas<sup>13</sup>. Assim, na contemporaneidade, em que a arte não é

13. Schmidlin, E. A herança de Mestre Vitalino. Instituto Arte na Escola. São Paulo : Instituto Arte na Escola, 2006.



mais uma experiência obrigatória na formação básica escolar do Brasil, precisamos não apenas preservar, mas principalmente gerar espaços e oportunidades de recriação nesse polo artístico cultural.



Da arte produzida por esse grupo surge uma trama tecida por bens culturais diversificados cheios de retratos do cotidiano, heranças do patrimônio da memória coletiva do lugar. Enfim, as histórias e identidades presentes no universo ceramista do Alto do Moura representam para todas/os nós docentes e estudantes que construímos este livro, emoções e aprendizados de tocante beleza, portanto, intitulamos todas “Mestras Artesãs”.







# A Árvore Genealógica

Durante gratificante convivência com as mulheres artesãs do Alto do Moura, realizamos vários encontros, alimentados por troca de saberes e boas risadas. Em uma Oficina oferecida por professora e estudantes do curso de Design, oportunizamos novas técnicas de pintura e criatividade, para nossas Mestras experimentarem outros materiais e diferentes modos de lidar com o barro, pudemos assim, diminuir as distâncias entre as artesãs e a Universidade, representada por nós docentes e estudantes. Naqueles dias entendemos que aquela experiência deveria ser propagada e conhecida de maneira ampla e irrestrita, decidimos então criar este livro e contar suas histórias.



Na última Oficina realizada em junho de 2018, foram abordadas as relações entre as mestras artesãs e seus antecessores/as, produzindo-se assim um protótipo de Árvore Genealógica da comunidade do Alto do Moura. Esta atividade teve o objetivo de entender os vínculos das Mestras artesãs com suas origens familiares famosas, foi também um modo de trazer a este documentário, o fio condutor que percebíamos em todas elas: o desejo de fazer arte no Alto do Moura e ser reconhecida pela diversidade de técnicas e invenções. Tal origem remonta os tempos do Mestre Vitalino e seus contemporâneos/as, discípulos que deixaram suas identidades artísticas marcadas e preservadas em museus da cidade e em vários países ou, nos ateliês de familiares, os quais seguem criando e recriando as cenas nordestinas gravadas em barro.



Apresentamos então na forma de desenho infográfico, o resultado da Árvore genealógica criada pelas nossas mestras (pág. 73), para entendermos suas entrelaçadas e produtivas relações. As raízes, representam o renomado mestre Vitalino, ceramista criador de bonecos que torna a arte conhecida no mundo ainda no século passado. Entre seus seguidores, destacamos os Mestres Artesãos<sup>1</sup> Elias, Manuel Eudócio, Amaro, Zé Caboclo, Manuel Galdino, Zé Rodrigues; No caule central apresentamos Dona Ernestina, a única mulher que à época, reproduziu o regionalismo de Vitalino e é reconhecida por ser a primeira mulher a moldar arte figurativa no barro<sup>2</sup>.



Subindo o olhar e apreciando os galhos laterais, surgem as famílias de nossas entrevistadas e seus referencias de origem materna e paterna, seguido abaixo pelos frutos onde expomos nossas mestras com seus irmãos e irmãs todo/as artesãos e artesãs .

1. MELLO, P.C. Vitalino: sem barro, o homem. Brasília: Fundação Assis Chateaubriand; Ministério da Cultura, 1995

2. Vitorino, R. Mestre Galdino: o ceramista poeta de Caruaru-PE. 2013. 233 f. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Artes. UNESP.SP.



Neste sentido, em se tratando de arte visual, podemos afirmar que as esculturas ali produzidas nascem do volume afetivo que envolve aquelas mulheres. As peças são modeladas com habilidade, mas principalmente com paixão e orgulho. Cada obra traz as características individuais de suas autoras e sobretudo, a unicidade coletiva do grupo que rompeu com preconceitos.



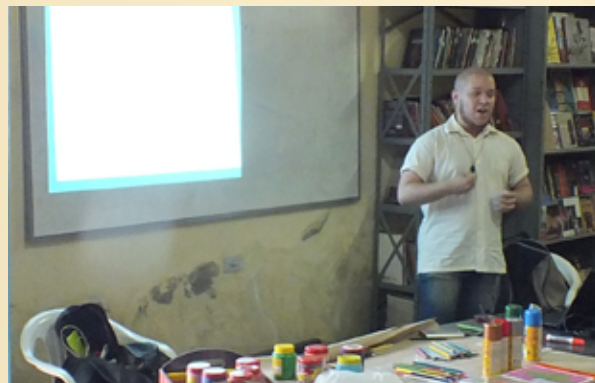








# Galeria















## **Sobre as autoras**



### **Eliana Ismael Costa**

#### **CURRICULUM LATTES:**

<http://lattes.cnpq.br/1517693011941527>

Atualmente é Professora Associada da UFPE / CAA/ Curso no curso de Licenciatura em Pedagogia. Formação: Pós doutorado pela Universidade Complutense de Madrid/Espanha; Doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas/SP; Mestrado em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba; Graduação em psicologia. Constitui o corpo docente do Programa de PÓS-Graduação em Ciências e Matemática - PPGECEM na UFPE. Temas de interesse: Estudos de Gênero, Processos de discriminação e suas interrelações sociais.



# Kátia Silva Cunha

## CURRICULUM LATTES:

<http://lattes.cnpq.br/8333609070079117>



Atualmente é Professora Adjunta da UFPE/CAA, no Curso de Licenciatura em Matemática. Formação: Pós- Doutorado pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro/RJ; Mestrado e Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco; Graduação em PEDAGOGIA; Graduação em Música Sacra. Constitui o corpo docente do Programa de PÓS-Graduação em Ciências e Matemática - PPGECM na UFPE. Temas de interesse: Aprendizagem e currículo; Formação de professores, avaliação educacional e da aprendizagem.



Este e-book foi composto em Gill Sans MT, corpo 13 / 16.  
Marca de Fantasia, Paraíba/PB - novembro 2018.



Marca de Fantasia  
Paraíba - 2018

**Capa ~ Sumário ~ Autoras**